

# ENTRE RUÍNAS E HISTÓRIAS: NARRATIVA IDENTITÁRIA EM TEXTOS DE MILTON HATOUM

Ma. Noemi Campos Freitas Vieira<sup>1</sup> (UFU)

**RESUMO:** *A constituição de nossa identidade está ancorada em um porto de dupla margem: a nossa memória, de lembranças, e a memória do outro, de relatos. E, também, de uma “terceira margem”, a da imaginação. Segundo Seligmann-Silva (2003), “o passado é uma imagem mutilada, torso: um misto indissociável de lembrança e trabalho do tempo, esquecimento.” Assim, como releitura e invenção, a narrativa da identidade dos narradores hatounianos se tece mediante a impossibilidade de apreensão dessa origem como um ponto estável do passado e de uma suposta identidade sem fraturas, reinscrevendo questões pertinentes à ficção que deriva entre a memória e a imaginação criadora.*

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade; Memória; Esquecimento; Narrativa.

## Introdução

É certo que em nossa constituição subjetiva experimentamos o mundo por meio dos sentidos, do intelecto e do espírito, como projeções intimamente ligadas à nossa memória da qual não é possível uma desvinculação. Por isso, “é positivo que ela se construa enquanto releitura e ‘invenção’, ao invés de nos conduzir ao pretensamente autêntico espaço da origem.” (CURY, 2000, p. 170). Os narradores das histórias de Milton Hatoum se debruçam sobre esse enigmático território: a memória – entrelaçada por incertezas e enigmas e campo fecundo para a escavação dos escombros do presente.

Ao lançar um olhar sobre a composição da narrativa de *Relato de um certo Oriente* (1989) e *Dois irmãos* (2000), temos um processo de encadeamento de várias histórias provenientes de personagens que testemunharam passagens vivenciadas em tempos remotos da vida dos narradores desses romances. Tais experiências, reveladas na superfície do texto, representam verdadeira escavação memorialista que se misturam a revelações melancólicas de ausências e ressentimentos, contribuindo para a tessitura dos enredos construídos pelos narradores. Na tarefa de uma suposta recuperação do passado, há sempre lapsos na memória e essa “releitura” do passado se faz sob a força imperativa do esquecimento, regido pela passagem do tempo.

Ao retornar a sua terra natal, a narradora inominada do *Relato* espera recuperar da matriarca Emilie, imigrante libanesa que a criara como neta adotiva, os fios que teceriam o grande painel de sua vida, buscando a compreensão da origem e da própria identidade. Expectativa frustrada logo de início, pois no dia da chegada a Manaus a avó falece idosa e doente. Na casa da infância, sua incursão, agora, dá-se por meio de várias vozes que relatam, cada qual a seu modo, o passado da família libanesa que a criara. Nas palavras de Cury (2000, p. 173), “a morte de Emilie, que era a fonte da vida, transforma em ruínas a casa, como ruína o são todas as casas que tentamos inutilmente reconstruir com as lembranças que nos vêm da infância.”

---

<sup>1</sup> Mestra em Letras pela UNESP (IBILCE/S. J. do Rio Preto-SP). Pesquisadora no Grupo CRITICUM - Correntes críticas, modernas e contemporâneas (Grupo de Pesquisa CNPq) ligado ao Mestrado em Teoria Literária da UFU - Universidade Federal de Uberlândia.  
noemicfv@gmail.com

Nael, narrador de *Dois irmãos*, diferentemente, não vem de outra cidade, mas situa-se no presente como quem regressa de um passado preñado de histórias, reconstruindo, a partir da lembrança do relato de outros, e também daquilo que testemunhou na infância, as passagens vividas na casa da família libanesa onde foi criado. Seu ponto de observação é o quartinho dos fundos, no quintal do sobrado de Zana e Halim, onde vivia com a mãe Domingas, índia manauara aculturada e empregada da casa.

Diante de tal quadro, emoldurado pelas incertezas e pela luta travada entre o lembrar e o esquecer e, ainda, pelos embates vividos diante da morte de pessoas que lhes seriam verdadeiros relicários do passado, o questionamento interior desses narradores leva-os a recorrer a outros narradores, personagens das histórias vividas, participantes das experiências que conservam, de alguma forma, traços e fios que vão tecendo, ponto a ponto, outros relatos, outras experiências, outras memórias.

O conteúdo dos relatos está preso à memória dos narradores, pois são eles que procuram ordenar e dar uma forma mais coesa ao discurso das narrativas que recolhem, sobre as quais desempenham um trabalho interpretativo e afetivo. Tanto a narradora sem nome do *Relato*, quanto Nael de *Dois irmãos* lidam com os retalhos de histórias que vão costurando ao longo do processo de construção de sua própria história, tendo em mãos uma diversidade de materiais. No primeiro romance, a narradora tenta dar ordem às transcrições, gravações, fotos e depoimentos, e no segundo, o narrador resolve criar sua narrativa partindo de sua memória.

Diante disso, o procedimento de “contar” para não esquecer se apresenta como a base estrutural das narrativas na tentativa de manter viva a memória da origem desses narradores. Evocando a imagem do torso utilizada por Walter Benjamin, essa experiência por eles vivida pode ser comparada a uma peça mutilada pela ação do tempo,

(...) pois aquilo que alguém viveu é, no melhor dos casos, comparável à bela figura à qual, em transportes, foram quebrados todos os membros, e que agora nada mais oferece a não ser o bloco precioso a partir do qual ele tem de esculpir a imagem de seu futuro.  
(BENJAMIN, 1987, p. 41, 42)

Como “misto indissociável de lembrança e trabalho do tempo, esquecimento”, retomando Seligmann-Silva (2003, p. 408), a figura do torso representa bem essa narrativa identitária construída pelos narradores hatounianos, que têm nos fragmentos de vida que restaram da casa da infância pedaços de memória, dos quais procuram recuperar uma suposta inteireza do passado.

A casa da família imigrante libanesa é um ponto em comum entre os dois romances, lugar onde esses narradores vivem suas experiências e, ao mesmo tempo, ponto de observação privilegiado no percurso da memória da infância. Essa casa familiar figura como o lugar de adoção dessas personagens agregadas que buscam compreender suas histórias de vida e conhecer suas origens, cujas visões de mundo são reveladas por meio de diferentes opções.

Para a narradora inominada do *Relato*, que retorna a Manaus após longa ausência, a casa onde crescera com o irmão, representa o lugar onde se inscreve o texto de sua origem rasurado pelo tempo. Em *Dois irmãos*, a casa abandonada e a lembrança dos relatos daqueles que o cercavam ensinam o trabalho memorialista do narrador que, mesmo pertencendo à família, crescera à margem, vivendo com a mãe no quartinho dos fundos, de onde observava os embates familiares. Como agregados, esses narradores estão, ao mesmo tempo, dentro e fora da casa e da família.

O contexto em que se inserem esses narradores inscreve-se na casa da infância, que abriga suas memórias individuais e as lembranças dos familiares e amigos que compõem as diferentes perspectivas que engendram o discurso. Essa morada da memória, em ruínas, guarda os vestígios reveladores dessas vidas que derivam entre a origem desconhecida e a incerteza de um futuro ainda por esculpir.

No *Relato*, ao adentrar a casa onde crescera, a narradora detalha o ambiente interno, desvendando os mistérios do passado à medida que explora a casa da mãe biológica, em cujo jardim passara a noite de sua chegada a Manaus. Do jardim ao desenho intrigante que a remete ao passado, os traços indefinidos do personagem infantil remando a canoa, aponta para sua própria condição de agregada na família.

Ao observá-lo de perto, notei que as duas manchas de cores eram formadas por mil estrias, como minúsculos afluentes de duas faixas de água de distintos matizes; uma figura franzina, composta de poucos traços, remava numa canoa que bem podia estar dentro ou fora d'água. Incerto também parecia o seu rumo, porque nada no desenho dava sentido ao movimento da canoa. E o continente ou o horizonte pareciam estar fora do quadrado de papel. (*Relato*, p. 10)

Uma sensação de estar dentro e fora do lugar de origem perpassa a narrativa do retorno dessa narradora desconhecida tanto para o leitor quanto para si mesma. Ela vive a experiência de sentir-se estrangeira em sua terra natal, ao passear pelas ruas e bairros afastados da cidade. Sente-se estranha (*unheimlich*) sob o olhar de estranheza de outros nativos:

Havia momentos, no entanto, em que me olhavam com insistência: sentia um pouco de temor e estranheza, e embora um abismo me separasse daquele mundo, a estranheza era mútua, assim como a ameaça e o medo. E eu não queria ser uma estranha, tendo nascido e vivido aqui. (*Relato*, p. 123)

O retorno da narradora tem uma motivação específica: juntar às suas lembranças os relatos recolhidos que se ligam à exploração do passado. Essa motivação é consequência evidente do esquecimento imposto pelo tempo e pela distância em relação à infância e ao espaço dessa experiência.

Essa construção faz-se ao longo da narrativa, pois é no discurso que se dá a conhecer o sujeito e os acontecimentos ligados a ele. No processo dialógico, estabelecido entre as várias vozes que emergem dessa casa da infância, a narradora sem nome vai montando as peças que aos poucos vai tecer a tela de sua própria feição. Esse processo de montagem em mosaico fica expresso simbolicamente nas palavras da narradora ao lembrar-se dos inúmeros trabalhos manuais que fazia na clínica onde fora internada, supostamente pela própria mãe. Durante sua permanência na clínica, tentara escrever um relato, mas sua tentativa frustrada resultou em um amontoado de papéis picados colados a pedaços de tecidos rasgados. Assim diz a narradora:

O quarto era o lugar privilegiado da solidão. Ali, aprendi a bordar. (...) Em certos momentos da noite, sobretudo nas horas de insônia, arrisquei várias viagens, todas imaginárias: viagens da memória. (...) Nessa época, talvez durante a última semana que fiquei naquele lugar, escrevi um relato: não saberia dizer se conto, novela ou fábula, apenas palavras e frases que não buscavam um gênero ou uma forma literária. (...) Pensei em te enviar uma cópia, mas sem saber por que rasguei o original, e fiz do papel picado uma colagem; entre a textura de letras e palavras coleí os lenços com bordados abstratos: a mistura do papel com o tecido, das cores com o preto da tinta e com o branco do papel,

não me desagradou. O desenho acabado não representa nada, mas quem o observa com atenção pode associá-lo vagamente a um rosto informe. Sim, um rosto informe ou estilhaçado, talvez uma busca impossível neste desejo súbito de viajar para Manaus depois de uma longa ausência. (*Relato*, p. 162, 163)

Essa colagem dos fragmentos de diferentes materiais aponta para uma tentativa de fazer confluir, em um único material, pedaços de outras histórias destoantes, resultando em uma composição fragmentada, em que os elementos unem-se para formar um todo, porém esse novo elemento não pode ser tido como inteiriço. Para tornar mais claro, esse original rasgado por ela seria o relato das lembranças criadas em sua viagem imaginária, um texto julgado por ela desacreditável. O “rostro informe ou estilhaçado” representaria, portanto, a identidade buscada pela narradora, por isso seu desejo de retornar à casa da infância onde estaria mais próxima de uma suposta verdade sobre sua origem.

A composição narrativa de *Relato de um certo Oriente* traduz essa arquitetura identitária, cujos contornos vão sendo traçados à medida que cada um dos personagens envolvidos no relato deixa fluir sua narração do passado. A volta para a casa da infância e para a cidade natal é, portanto, uma volta memorialista para a construção identitária, uma volta para o irrecuperável.

Sendo a identidade algo por escrever, um processo lento e contínuo, que encontra ao longo de seu percurso o entrelaçamento com outras vias (outras vidas!), os narradores hatounianos lidam sempre com a problematização da representação da memória e com as intermitências do esquecimento, forjando um jogo de relações oscilante e desafiador.

Como recurso eminentemente válido para o registro das experiências do indivíduo, a escrita coloca-se como uma forma de dar visibilidade crítica à arte da memória e do esquecimento. Vale aqui citar o que diz o próprio Milton Hatoum sobre a hesitação presente no plano da memória em constante jogo com a imaginação:

(...) há incongruência e dúvida em tudo, pois a memória não recupera o passado com exatidão: lembra e deslembra, diz e desdiz, afirma para negar ou contrariar. A memória é o lugar da hesitação, o móvel da imaginação. O movimento é sinuoso, construído por fragmentos: uma técnica de montagem e organização (...). Movimento de uma origem ágrafa – a da ignorância selvagem – à leitura e à escrita, que se tornam apuradas com o tempo e se constroem como visão crítica de si mesmo e dos outros. (HATOUM, 2006, p. 26, 27)

Também no segundo romance, a casa da infância aloja as histórias de vida entre as ruínas do passado familiar. O narrador de *Dois irmãos* também se debate com as “incongruências e as dúvidas” envolvidas na busca de suas origens; mergulha em um retrospecto, procurando reconstruir, com o que restou da história da família, a sua própria história e identidade. Enraizado na terra natal, está em contato mais íntimo com seu lugar de origem, tendo seu ponto de observação que o aloca a curta distância do núcleo onde ocorriam as tensões familiares que testemunhava: a moradia no quatinho dos fundos do sobrado dá a ele o privilégio da experiência compartilhada no contexto de ocorrência dos fatos.

Do quatinho, o narrador recorda... Observa o que restou do antigo sobrado, como que diante daquele “bloco precioso a partir do qual ele tem de esculpir a imagem de seu futuro.” (BENJAMIN, 1987, p. 41, 42). Ocupando esse pequeno cômodo nos fundos da casa, assemelha-se ao narrador proustiano de *Sobre a leitura*:

Para mim, não me sinto viver e pensar senão num quarto onde tudo é a criação e a linguagem de vidas profundamente diferentes da minha, de

um gosto oposto ao meu, onde eu não reencontre nada de meu pensamento consciente, onde minha imaginação se exale e sinta mergulhada no seio do não-eu (...) onde cada ruído não faz senão evidenciar o silêncio, deslocando-o, onde os quartos guardam um perfume de ambiente fechado que o ar de fora vem lavar, mas não apaga, e que as narinas aspiram cem vezes para conduzi-lo à imaginação, que se encanta, que o faz posar como um modelo para tentar recriá-lo em si mesma com tudo que ele contém de pensamentos e de lembranças (...). (PROUST, 2001, p. 18, 19)

O rapaz que crescera como neto natural do casal de imigrantes Halim e Zana luta e sofre com a memória da infância, passada ao lado da mãe, serviçal na casa dos libaneses. Nael é um exímio observador dos fatos presenciados nessa casa: “Mas muita coisa do que aconteceu eu mesmo vi, porque enxerguei de fora aquele pequeno mundo. Sim, de fora e às vezes distante. Mas fui o observador desse jogo e presenciei muitas cartadas, até o lance final.” (*Dois irmãos*, p. 29)

Embora observe tudo do espaço solitário do quarto, a relação com a memória é uma questão social, pois a coleção de histórias que traz no seu íntimo só pode ser reconstituída em decorrência de experiências vividas dentro da casa familiar, com os membros dessa família e mediante todos os desdobramentos decorrentes dessa relação. São “vidas profundamente diferentes” da dele, retomando Proust na passagem acima, que são recriadas pela linguagem e imaginação.

A experiência a ser relatada pelo narrador, seja por ele vivenciada ou dela tendo tomado conhecimento, é a matéria da qual se nutre a narrativa, porém não pode contar com ninguém mais, a não ser com a memória, pois aqueles que o cercavam no passado já morreram ou estão distantes. Para a confecção dos escritos dessas passagens da vida, o narrador-autor não prescinde das memórias de outros narradores-personagens, que encerram em si parte da própria existência que procura conhecer. Reminiscências essas que aparecem no texto, misturadas com a imaginação. A matéria da sua narrativa nasce da ânsia por estabelecer-se com uma identidade própria, firmando-se em um lugar no mundo, procurando reconstruir-se sobre os destroços do passado. Porém, as imagens do passado são evanescentes, o conteúdo da memória é representação e, o texto do narrador-autor, interpretação dessas lembranças revisadas, que se deslocam, sinuosas, entre o lembrar e o esquecer.

Em *Dois irmãos*, Halim representa para Nael o móvel da memória, um impulso à busca pelos antecedentes da vida na casa da infância. É ele quem sobressai na narrativa como principal relicário das lembranças de uma vida inteira e que imprime uma marca em relevo ao tecido narrativo que o narrador vai tecendo ao longo do romance. Halim gera para o neto o fio que o atará à vida solitária a partir da qual produzirá a escrita como experiência comunicável. O terreno compartilhado é o da casa familiar, onde os desajustes entre os gêmeos Yaqub e Omar, a paixão irrefreada de Zana pelo Caçula e as relações de poder e subserviência ditados pela aculturação sutil dos nativos manauenses, entre estes a mãe Domingas, conduzem as relações à ruína.

Ao tecer a narrativa a partir dos relatos de Halim, o narrador vê-se diante de uma fonte ambígua em que os lapsos da memória abrem um jogo com a invenção e a omissão.

Talvez por esquecimento, ele omitiu algumas cenas esquisitas, mas a memória inventa, mesmo quando quer ser fiel ao passado. (...) Desta vez Halim parecia baqueado. Não bebeu, não queria falar. Contava esse e aquele caso, dos gêmeos, de sua vida, de Zana, e eu juntava os cacos dispersos, tentando recompor a tela do passado. “Certas coisas a

gente não deve contar a ninguém”, disse ele, mirando nos meus olhos.  
(*Dois irmãos*, p. 90, 134)

A Nael, como testemunha, resta o relato, não da ilusão sobre uma identidade uniforme, mas sobre as ruínas que marcam o fim de um tempo para a família. Assim, ele depende das vozes alheias para dar forma ao seu próprio discurso. Há uma relação com o passado que se projeta sob a forma de busca por uma resposta, por parte do narrador, travando um diálogo com o que está “palpitando na vida dos [seus] antepassados”, pois o que supostamente se desenha para ele como “sinal da origem” cala-se no silêncio da memória, sua e daqueles que o cercaram. Deste modo, há muito mais lapsos que certezas em relação ao conteúdo relatado. Há o lapso temporal que alimenta o esquecimento e há a invenção, que alinhava a tessitura da narrativa. Assim, não há passagem amena dessas experiências relatadas, pois entre o que é lembrado e o que se esquece, há lacunas que traçam o percurso entre a origem (reveladora da identidade) e a deriva.

Quanto à memória, esbarra-se sempre com a impossibilidade de apreensão de sua totalidade e de ordenação do seu conteúdo. Nesse sentido, a narração apresenta-se como imagem transposta para o texto como discurso. Em ambos os romances, os narradores se vêem diante da impossibilidade de inteireza do passado que procuram “recriar”, esculpindo a partir do “torso” da memória, pois o seu conteúdo dissolve-se ao longo do tempo. Arroçados contra a realidade presente, esses narradores têm de lançar âncora no território do imaginário para a elaboração do discurso do relato. Nesse processo, há um movimento cíclico de retorno ao ponto de partida em face da busca frustrada por respostas ao revolverem os escombros da memória de vidas que se esvaem sob a égide do tempo.

A narrativa do passado se faz pelo entrelaçamento de muitas lembranças que deixam de ser originais à medida que se inspiram em conversas com os outros, dando lugar a uma heterogeneidade discursiva enriquecida por experiências de vários personagens participantes da vida desses narradores dos romances.

Nas histórias de Hatoum, a escrita coloca-se como materialização da rememoração, à maneira do processo de tecer de Penélope, motivada pela ausência do amado Ulisses. Assim como se produz o tecido no tear, o texto engendra-se como fruto da luta da lembrança contra o esquecimento. A performance do sujeito revela-se nessa tensão entre a trama e a urdidura, o relembrar e o esquecer.

A narradora inominada do *Relato* vive o drama da ordenação das diversas vozes que compõem a grande malha discursiva, com o que tem de lidar para obter um sentido capaz de aproximá-la da incógnita que a move a buscar seu passado, perdido na cidade natal para onde retorna.

Quando conseguia organizar os episódios em ordem ou encadear vozes, então surgia uma lacuna onde habitavam o esquecimento e a hesitação: um espaço morto que minava a sequência de idéias. E isso me alijava do ofício necessário e talvez imperativo que é o de ordenar o relato, para não deixá-lo suspenso, à deriva, modulado pelo acaso.  
(*Relato*, p. 165)

Para o narrador de *Dois irmãos*, foi preciso reconhecer que as palavras parecem aguardar a chegada do esquecimento para se mostrarem cúmplices do tempo.

Naquela época, tentei, em vão, escrever outras linhas. Mas as palavras parecem esperar a morte e o esquecimento; permanecem soterradas, petrificadas, em estado latente, para depois, em lenta combustão, acenderem em nós o desejo de contar passagens que o tempo dissipou.

E o tempo, que nos faz esquecer, também é cúmplice delas. (*Dois irmãos*, p. 244)

Se a infância desses narradores guarda os mistérios de toda uma vida, é para lá que eles se voltam, como o arqueólogo busca no solo repisado pelo tempo os traços de uma história extemporânea, mas supostamente real. Sobre esse trabalho “arqueológico” da memória, ligado à infância, há uma observação de Seligmann-Silva em torno do postulado benjaminiano: “As ruínas da memória, em parte soterradas, guardam o esquecido, que choca aquele que se recorda com o segredo que ele (isto é, o esquecido) encerrava.” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 410-411)

Escavar as ruínas do passado implica, então, revolver experiências dolorosas ou gratificantes, recuperar imagens, ainda que distorcidas pela ação do tempo, mobilizar sentimentos adormecidos ou propositalmente enterrados no jazigo do esquecimento.

Deste modo, o que se tem nos dois romances de Hatoum é um entrelaçamento de histórias do passado em relação dialógica. Há, sim, um conflito entre o tempo e a memória e dessa memória surge um descompasso com os fatos que persistem como enigmas, instaurando um campo fértil para a ficção, para o trabalho da imaginação. Esse fio maleável da narrativa faz oscilar as passagens relatadas ligadas ao passado impondo um jogo entre o tempo e os fatos, perpassados pelas investidas da memória.

Portanto, as experiências do passado remodeladas pelo presente lançam o indivíduo diante de um quadro de indefinição e angústia, alocando o sujeito em um “espaço-tempo” moldado por uma tensão entre a subjetividade individual e a coletiva. Esta parece ser uma lógica que demanda do sujeito uma tomada de consciência de seu lugar no mundo e da irremediável recuperação do passado, tendo o trabalho da memória como campo de escavação em busca das bases de sustentação do indivíduo identificado com o seu grupo social.

A casa dos imigrantes libaneses sintetiza o cenário das desavenças, das paixões, das concórdias e discórdias entre seus membros. É também na casa que, metonimicamente, entrecruzam-se os olhares das diferenças, significando ainda o ponto de partida e de chegada dos narradores de ambos os romances na busca pelas explicações sobre suas origens, inquietações identitárias.

Assim, a busca de si é sempre um percurso, nunca uma chegada definitiva.

## Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. Torso. In: \_\_\_\_\_. **Rua de mão única**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987. (Obras escolhidas. Vol. II)

CURY, Maria Zilda Ferreira. De orientes e relatos. In: SANTOS, Luis Alberto Brandão; PEREIRA, Maria Antonieta (org.). **Trocas culturais na América Latina**. Belo Horizonte: Pós-Lit/NELAM/FALE/UFGM, 2000.

HATOUM, Milton. **Relato de um certo Oriente**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. **Dois irmãos**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. Um jovem, o Velho e um livro. **EntreLivros**. São Paulo, Ano II, n. 13, p. 26-27, mai. 2006.

PROUST, Marcel. **Sobre a leitura**. 3. ed. Trad. Carlos Vogt. Campinas-SP: Pontes, 2001.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, memória, literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2003.